

LEANDRO GOMES DE BARROS

# AS PROEZAS DE UM NAMORADO MOFINO



Xilo: João Pedro Ncto

LITERATURA DE CORDEL

Edição especial: Tupynanquim Editora/ABC - Academia Brasileira de Cordel - Novembro de 2000 - Fortaleza - Ceará - Brasil



LITERATURA DE CORDEL  
LEANDRO GOMES DE BARROS



## AS PROEZAS DE UM NAMORADO MOFINO

---

---

Sempre adotei a doutrina  
Ditada pelo rifão,  
De ver-se a cara do homem  
Mas não ver-se o coração,  
Entre a palavra e a obra  
Há enorme distinção.

Zé Pitada era um rapaz  
Que em tempos idos havia  
Amava muito uma moça  
O pai dela não queria...  
O desastre é um diabo  
Que persegue a simpatia.

Vivia o rapaz sofrendo  
Grande contrariedade  
Chorava ao romper da aurora  
Gemia ao virar da tarde  
A moça era como um pássaro  
Privado da liberdade.

Porque João Mole, o pai dela  
Era um velho perigoso,  
Embora que Zé Pitada  
Dizia ser revoltoso,  
Adiante o leitor verá  
Qual era o mais valoroso.

Marocas vivia triste  
Pitada vivia em ânsia,  
(Ele como rapaz moço  
No vigor de sua infância),  
Falar depende de fôlego  
Porém obrar é sustância.

Disse Pitada a Marocas,  
Eu preciso lhe falar  
Já tenho toda certeza,  
Que é preciso a raptar,  
À noite espere por mim  
Que havemos de contratar.

Disse Marocas a Zezinho:  
Papai não é brincadeira,  
Diz Zé Pitada, ora esta!  
Medo pra mim é besteira  
Você pode ver-me as tripas,  
Porém não verá carreira.

Diga a que hora hei de ir,  
Eu dou conta do recado  
Inda seu pai sendo fogo,  
Por mim será apagado,  
Eu juro contra minh'alma  
Que seu pai corre assombrado.

Disse Marocas, meu pai  
Tem tanta disposição  
Que uma vez tomou um preso  
Do poder de um batalhão,  
Balas choviam nos ares,  
O sangue ensopava o chão.

Disse ele, eu uma vez  
Fui de encontro a mil guerreiros,  
Entrei pela retaguarda,  
Matei logo os artilheiros,  
Em menos de dez minutos  
O sangue encheu os barreiros.

Disse Marocas, pois bem  
Eu espero e pode ir,  
Porém encare a desgraça,  
Se acaso meu pai nos vir,  
Meu pai é de ferro e fogo,  
É duro de resistir.

Marocas não confiando  
Querendo experimentar,  
Olhou para Zé Pitada  
Fingindo querer chorar,  
Disse meu pai acordou,  
E nos ouviu conversar.

Valha-me Nossa Senhora!  
Respondeu ele gemendo,  
Que diabo eu faço agora?!...  
E caiu no chão tremendo,  
Oh! Minha Nossa Senhora!  
A vós eu me recomendo

Nisso um gato derrubou  
Uma lata na despensa,  
Ele pensou que era o velho,  
Gritou, oh!, que dor imensa!.  
Parece que estou ouvindo  
Jesus lavrar-me a sentença.

A febre já me atacou,  
Sinto frio horrivelmente.  
Com muita dor de cabeça,  
Uma enorme dor de dente,  
Esta me dando a erisipela,  
Já sinto o corpo dormente.

Disse a moça: quer um beijo?  
Para ver se tem melhora?  
Ele com cara de choro,  
Respondeu-lhe, não, senhora,  
Beijo não me salva a vida,  
Eu só desejo ir-me embora.

Antes eu hoje estivesse  
Encerrado na cadeia,  
De que morrer na desgraça,  
E d'uma morte tão feia,  
Veja se pode arrastar-me,  
Que minha calça está cheia.

Por alma de sua mãe,  
E pela sagrada paixão,  
Me arraste por uma perna  
E me bote no portão,  
A moça quis arrastá-lo,  
Não teve onde pôr a mão.

Ela tirou-lhe a botina,  
Para ver se o arrastava,  
Mas era uma fedentina,  
Que a moça não suportava,  
Aquela matéria fina  
Já todo o chão alagava.

Então lhe disse Marocas,  
Desgraçado!... eu bem sabia,  
Que um ente de teu calibre,  
Não pode ter serventia.  
Creio que fostes nascido  
Em fundo de padaria.

Meu pai ainda não veio  
Eu hoje estou sozinha,  
Zé-pitada aí se ergueu,  
E disse, oh minha santinha!  
A moça meteu-lhe o pé,  
Dizendo: vai-te murrinha!

E deu-lhe ali uma lata,  
Dizendo: está aí o poço,  
Você ou lava o quintal  
Ou come um cachorro ensosso,  
Se não eu meto-lhe os pés  
Não lhe deixo inteiro um osso.

Disse ele, oh! meu amor!  
O corpo todo me treme,  
Minha cabecinha está,  
Que só um barco sem leme,  
Parece-me faltar o pulso,  
O Anjo da Guarda geme.

Então a moça lhe disse:  
O senhor lava o quintal  
Olhe uma tabica aqui!...  
Lava por bem ou por mal,  
Covardia para mim,  
É crime descomunal.

E lá foi nosso rapaz  
Se arrastando com a lata,  
A moça ali ao pé dele,  
Lhe ameaçando a chibata,  
Ele exclama chorando:  
Pelo amor de Deus não bata!

Vai miserável de porta  
Quero já limpo isso tudo,  
Um homem de sua marca  
Pequeno, feio e pançudo,  
Só tendo sido criado  
Onde se vende miúdo.

Disse o Zé quando saiu:  
Eu juro por Deus agora,  
Ainda uma moça sendo  
Filha de Nossa Senhora,  
Se olhar para mim, eu digo:  
Desgraçada, vá embora.

**FIM**

## OBRAS VALIOSAS

Nossas obras de Cordel  
São-nos lucrativo jogo  
Sua popular mensagem  
São lições de pedagogo.  
Ser poeta cordelista  
Eu reconheço ser fogo.

O mundo de Cordelismo  
Tem livros de alta valia:  
A Donzela Teodora,  
Coco-Verde e Melancia,  
O Pavão Misterioso,  
E Juvenal e Lilia...

O Cavaleiro das Flores,  
Os Cabras de Lampião,  
O Nero do Amazonas,  
Juvenal e o Dragão,  
A Escrava do Destino,  
João de Calais, Boi Leitão...

Rufino, O Rei do Barulho  
Vicente, O Rei dos Ladrões,  
O Valente Zé Garcia,  
As Astúcias de Camões,  
João da Cruz, Pedro Cem,  
Excelentes diversões.

O Cangaceiro Isaías,  
O Capitão do Navio,  
O Gigante Quebra-Osso  
Que imensamente aprecio.  
Lendo obras de Cordel  
Bastante meu estro amplo.

Procuro me aprimorar  
A cada verso que faço.  
Que as obras do Corelismo  
Superam qualquer fracasso.  
E na vendagem livreira  
Tenha sempre o seu espaço.

*Cícero Pedro de Assis*



O poeta paraibano **Leandro Gomes de Barros**, além de ser considerado pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel.

Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, no dia 04 de março de 1918, deixando um legado cerca de mil folhetos escritos.

Depois de sua morte, a viúva do poeta, D. Venustiniana Aleixo de Barros vendeu os direitos autorais de suas obras a João Martins de Athayde, que passou a publicá-la negando-lhe a autoria, fato que foi em parte reparado nas antologias de Literatura de Cordel publicadas nos últimos 30 anos.



**TUPYNANQUIM**  
EDITORA

Rua Silva Jatahy, Nº15 - Sala 304 - Fortaleza - Ceará - Brasil CEP: 60165 070

Fone/fax: (85) 248-4675

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).